



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

**RESENHA CRÍTICA DO ARTIGO “MITOLOGIA E CINEMA: A
PROPAGAÇÃO DOS MITOS POR MEIO DA TRILOGIA
CLÁSSICA *STAR WARS*.” DE RAFAEL JOSE BONA &
LEONARDO ANTONIO PERTUZZATTI.**

RIO DE JANEIRO, RJ.

NOVEMBRO DE 2017.

CURSO: DESENHO INDUSTRIAL

DISCIPLINA: LET1910 ANALISE E PRODUÇÃO DE TEXTO

DOCENTE: ADRIANA GRAY

DISCENTE: HUGO MENDES BARBOSA

RESENHA CRÍTICA DO ARTIGO “MITOLOGIA E CINEMA: A PROPAGAÇÃO DOS MITOS POR MEIO DA TRILOGIA CLÁSSICA *STAR WARS*.” DE RAFAEL JOSE BONA & LEONARDO ANTONIO PERTUZZATTI.

Atividade entregue como parte dos requisitos avaliativos parciais do componente curricular LET1910 Análise e Desenvolvimento de Texto, orientado pela Prof^ª. Adriana Gray.

RIO DE JANEIRO, RJ.

NOVEMBRO DE 2017.

Resenha crítica

BONA, R. J. & PERTUZZATTI, L. A. Mitologia e cinema: a propagação dos mitos por meio da trilogia clássica *Star Wars*. Ver. Estud. Comun., Curitiba, v. 11, n. 24, p. 23-30, jan./abr.2010.

Rafael José Bona atualmente é docente em Comunicação Audiovisual da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), atuando neste cargo desde 2006, bem como no mesmo cargo na Universidade Regional de Blumenau (FURB), desde 2007. Atua também como monitor de Mídia pela UNIVALI e Comunicação Didática pela FURB também. Além disso, é atuante em pesquisas com foco em intertextos de mídia e consumo com estudos direcionados para a área de audiovisual, quadrinhos e publicidade, o que o torna amplamente capacitado para embasamento teórico e prático acerca do tema proposto do artigo.

O artigo busca analisar os mitos que inspiraram a trilogia clássica de *Star Wars*, relacionando o enredo com os diversos temas mitológicos e arquétipos existentes, com o intuito de chegar à compreensão de toda a complexidade apresentada no cinema. Logo, são apresentados os conceitos de arquétipos, com todas as suas variações, bem como eles foram traçados de acordo com suas aparições e significâncias na trama, onde foi apresentada cada adaptação alcançada no cenário que, para a época, estava em completa ascensão. Com isso, o artigo pretende contextualizar de maneira embasada e exemplificada por meio da escolha desta trilogia para que o conceito de mitologia e herói sejam compreendidos pelos leitores.

O artigo desenvolve-se na seguinte estruturação textual: a mitologia e o herói, mitologia, arquétipos, *Star Wars*; análise de caso, *Star Wars*: o mito da sociedade moderna; os arquétipos, o herói, o mentor, o guardião do limiar, o arauto, o camaleão, o pícaro, a sombra; além destes, é possível também encontrar introdução e considerações finais.

De acordo com Bona e Pertuzzatti, a trilogia clássica de *Star Wars* possui ligação com diversos temas mitológicos e seus arquétipos, sendo estes abordados em obras clássicas como *O Herói de Mil Faces* de Joseph Campbell e, levando isso em consideração, os autores citam que os personagens presentes nos três filmes dirigidos por George Lucas possuem as características primordiais para serem considerados arquétipos. Com isso, se pode inferir que a história do personagem principal da trilogia, Luke Skywalker, segue as premissas necessárias para configuração de um arquétipo do herói (de acordo com o que fora publicado por Campbell em 2007) sendo um garoto que vive em um ambiente completamente sossegado quando é levado para o meio de uma guerra intergaláctica que faz com que sua vida mude bruscamente, o que faz com que ele tenha que decidir se continua na sua aventura que irá ajudar a salvar a galáxia ou não. Com isso, Luke toma conhecimento de que possui poderes especiais e que o homem com quem ele decide lutar é seu pai, o que confere uma grande relutância para o garoto que deve decidir internamente se continua nessa guerra e salva o mundo (tornando-se um herói) ou se derrota seu pai, o qual Luke achava que tinha falecido desde seu nascimento.

Para a compreensão do que se entende por um herói, inicialmente deve-se ter em mente o que se entende por mitologia, uma vez que este conceito é o ponto inicial para o entendimento de toda a narrativa entre a mitologia e o herói. No capítulo dois (sobre a

mitologia e o herói) Bona e Pertuzzatti admitem que mitologia tem por significado o estudo das narrativas, tendo sido fonte de respostas ao homem durante muito tempo há milhares de anos até a chegada do século XVIII, quando todo o mundo fora dominado por pensadores empíricos, racionais e com pensamentos científicos acerca de tudo que se tinha notícia. Sigmund Freud, no início do século XX, teve a iniciativa de trazer à tona a mitologia novamente em seus estudos, tentando fazer com que as pessoas entendessem que existe relação entre a personalidade observada em cada pessoa e os mitos que surgem em histórias contadas por diversos. Com isso, seus ideais foram passados adiante para que pudessem ser compreendidos por outros estudiosos, como Carl Gustav Jung que, por um longo período, conseguiu experimentar o que Freud idealizava em seus estudos.

No subtópico sobre arquétipos, Bona e Pertuzzatti explanam que, de acordo com Carl Jung, arquétipo diz respeito aos componentes do chamado inconsciente coletivo (sendo este uma herança psíquica presente na constituição de qualquer pessoa), as imagens históricas que podem ser observadas em mitos e lendas contadas ao longo de anos da humanidade, ou ainda podem ser vivenciados através dos sonhos e da constituição do inconsciente coletivo. Após esse conceito dado por Jung, Campbell também pôde contribuir afirmando que o inconsciente coletivo e o inconsciente pessoal se relacionam de certa maneira e que os sonhos apresentados por pessoas distintas podem ser caracterizados como os mitos e os contos de fadas que se tem conhecimento. Porém, apesar de ser abordado tão conceitualmente, segundo Bona e Pertuzzatti, o termo arquétipo já havia sido usado por filósofos como Plotino, por exemplo, que se baseava nas fundamentações de Platão, as quais tinham como fundamentação a designação de que as ideias eram utilizadas como modelos de todas as coisas existentes. O termo também foi utilizado pela filosofia cristã por São Agostinho (séc. 354-430 d.C.) e, após isso, foi utilizado por Jung de maneira acadêmica na psicologia analítica, o que perdura até os dias atuais. Segundo Vogler (2006), quando se trata de caracterização de personagens, os arquétipos podem ser caracterizados em alguns tipos, o que vai definir qual que se trata em determinada narrativa é exatamente o personagem que se caracteriza como tal. Podem ser observados como arquétipos: o herói, o mentor, o guardião do limiar, o arauto, o camaleão, o pícaro e a sombra. Os autores do artigo demonstram que, dentro da narrativa de *Star Wars*, existe a possibilidade de observação de todos esses tipos.

No capítulo três, análise de dados, Bona e Pertuzzatti mencionam Joseph Campbell, pois este afirma em suas obras que *Star Wars* realiza o ciclo proposto da Jornada do Herói de forma completa, onde passa por todos os passos e cumpre a necessidade de aventura espiritual. E, de acordo com Bona e Pertuzzatti, esse ciclo pode ser revivido com diferentes enredos e em diferentes contextos, porém serão sempre a mesma Jornada do Herói.

No capítulo quatro, a reflexão é baseada na conceitualização e exemplificação dos arquétipos observados na trilogia, sendo estes distintos e bem observados e divididos em alguns subtópicos para melhor entendimento.

No subtópico sobre o arquétipo do herói, este é observado no personagem principal, Luke Skywalker, e nele é possível perceber uma caracterização típica de um herói, que deixa seu lar para embarcar em uma aventura desconhecida e cheia de perigos, onde ele deve permear por transformações e determinações para alcançar seus objetivos.

No subtópico do arquétipo do mentor da história, segundo Bona e Pertuzzatti, é este quem aconselha o herói e medeia o que este deve aprender de melhor para seguir com sua jornada e, na trilogia, este é representado por Obi-Wan Kenobi e o Mestre Yoda, mentores que treinam Luke para que ele se torne um Cavaleiro Jedi. O mentor pode ter sido um herói de jornadas passadas e acabou adquirindo uma experiência de grande ajuda para o novo herói. Em *Star Wars*, Obi-Wan Kenobi era o mentor de Anakin Skywalker e, em seus ensinamentos, falhou, pois seu aprendiz foi seduzido pelo Lado Negro da Força e tornou-se o mestre das trevas Darth Vader. O mentor pode, ainda, presentear o herói com algum objeto que no futuro (provavelmente na grande batalha que ele irá travar) lhe será de grande utilidade; e pode também ter sido no passado um herói assim como o atual, que passou por uma jornada difícil e de aprendizados, assim como Luke.

No subtópico sobre o arquétipo do guardião do limiar, os autores mencionam que o guardião é aquele que tem como função tentar impedir o prosseguimento do herói na sua jornada, criando diversos obstáculos para atrasá-lo em sua caminhada. Em *Star Wars* os guardiões do limiar são representados pelos Stormtroopers, soldados da tropa imperial, enviados pelo Darth Vader para exterminar Luke e seus aliados.

No subtópico sobre o arquétipo do arauto, este configura o personagem que incita o herói para a aventura, quem o desperta para algo que está errado, geralmente uma grande ameaça. Com esse tipo de chamado, o herói deve decidir se aceita o convite ou ignora-o. O arauto em *Star Wars* é a Princesa Leia que, em forma holográfica, se apresenta sem pretensão para o Luke e passa o problema que está vivendo, suplicando pelo auxílio de Obi-Wan Kenobi. Luke, no entanto, só aceita o pedido pois foi forçado a tomar alguma atitude quando o robô que transmitira a mensagem (R2-D2) foge à procura do verdadeiro destinatário da mesma.

O arquétipo do camaleão, segundo Bona e Pertuzzatti, tem como principal atributo a mudança, onde não há a possibilidade de previsão de suas ações. Na trilogia este tipo de arquétipo é observado na dupla Han Solo e Chewbacca, onde estes passam de mercenários que só se importam com dinheiro à amigos fiéis e honrosos de Luke, ajudando-o até o final a concluir sua missão.

De acordo com Bona e Pertuzzatti, como em toda trama cheia de aventuras, há a presença de uma saída cômica para o enredo. Este é o arquétipo pícaro, onde é caracterizado por permitir o riso para o alívio em determinadas situações de tensão. Na trilogia também não poderia ser diferente, estando presentes os personagens R2-D2 e C-3PO, os quais possuem a função de alívio cômico por nem sempre concordarem com as ideias distintas entre si, e também ajudam o herói a retomar para a realidade quando deixam explícitos o lado extravagante das situações vividas.

O arquétipo da sombra é mediado pelo vilão da história, o verdadeiro inimigo do herói, que tem como propósito exterminá-lo para que possa reinar sem inimigos. Com isso, o herói sofre diversos percalços administrados pela sombra, o que faz com que o herói se fortaleça até o momento em que vilão e herói se encontram. Em *Star Wars* o arquétipo da sombra é observado em Darth Vader que, inusitadamente, é o pai biológico do herói, o que o torna um pouco mais interessante em termos emocionais para o telespectador. Porém, Vader não é o único arquétipo da sombra presente na trilogia, onde é possível observar também o imperador (primeiro na hierarquia galáctica) que não mede

esforços para a disseminação das piores formas de manifestação do mal, sem escrúpulos, sem limites.

O artigo mostra-se bastante conciso nas informações que apresenta acerca do tema, uma vez que os autores são embasados por bibliografia consistente na área e, com isso, a demanda de informações apresentadas é consistente. Diante disso, o artigo pode abranger tanto acadêmicos que desejam aprofundar seus estudos nessa temática, quanto pessoas que não possuem um vínculo acadêmico mas que se interessam pelo assunto abordado pelos autores, levando em consideração que a linguagem utilizada em todo o texto é de fácil entendimento e a leitura não torna-se maçante. Os autores possuem uma importante formação, sendo possível encontrar seus trabalhos sobre este tema em referências de outros autores, tendo em vista que possuem outros trabalhos publicados com essa mesma temática.

Hugo Mendes Barbosa. Graduando do primeiro período do curso Design (Moda) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC Rio. 2017.2.